

POLÊMICA

// O protesto contra obras modernas em igrejas é comum entre os fiéis, que reclamam do desrespeito à iconografia católica

ARTE SACRA

Embate entre o novo e a tradição

» CONCEIÇÃO FREITAS

A cidade que melhor soube exemplificar, nos anos 50/60, a conexão entre arquitetura e arte modernas convive placidamente com uma arte sacra não figurativa ou às vezes figurativa demais, sem que isso tenha causado tanta confusão. O exemplo mais exorbitante desse ecletismo plástico nos templos católicos da capital modernista é a árvore de concreto que sustenta a igreja de Nossa Senhora do Carmo, na 912 Sul. Ela representa Cristo, "a árvore da vida", explica frei Geraldo D'Abadia Maciel.

É uma réplica em concreto, em tamanho natural, de uma árvore frondosa na qual se sustenta a imagem de Deus crucificado. Até menos de três anos atrás, Adão, Eva e a cobra equilibravam-se no tronco amarelo. O casal estava nu como no paraíso. Os três, no entanto, foram levados para o subsolo da igreja "porque eram muito feiosos", diz frei Geraldo, que ainda não viu os painéis de Galeno.

Mas ele lembra que as crianças não gostavam da cobra de boca aberta e cheia de dentes. "Elas tinham muito medo e criança é um termômetro. Se faz medo a elas, tem de tomar cuidado", alerta o frei. E são os objetos lúdicos de Galeno o que mais incomoda os fiéis contrários à intervenção dele nas três paredes da Igrejinha. Há quem já tenha dito (*Correio Braziliense*, 22 de junho de 2009) que as pipas de Galeno têm o mesmo significado que as pipas usadas pelos traficantes do Rio de Janeiro para avisar da chegada da polícia.

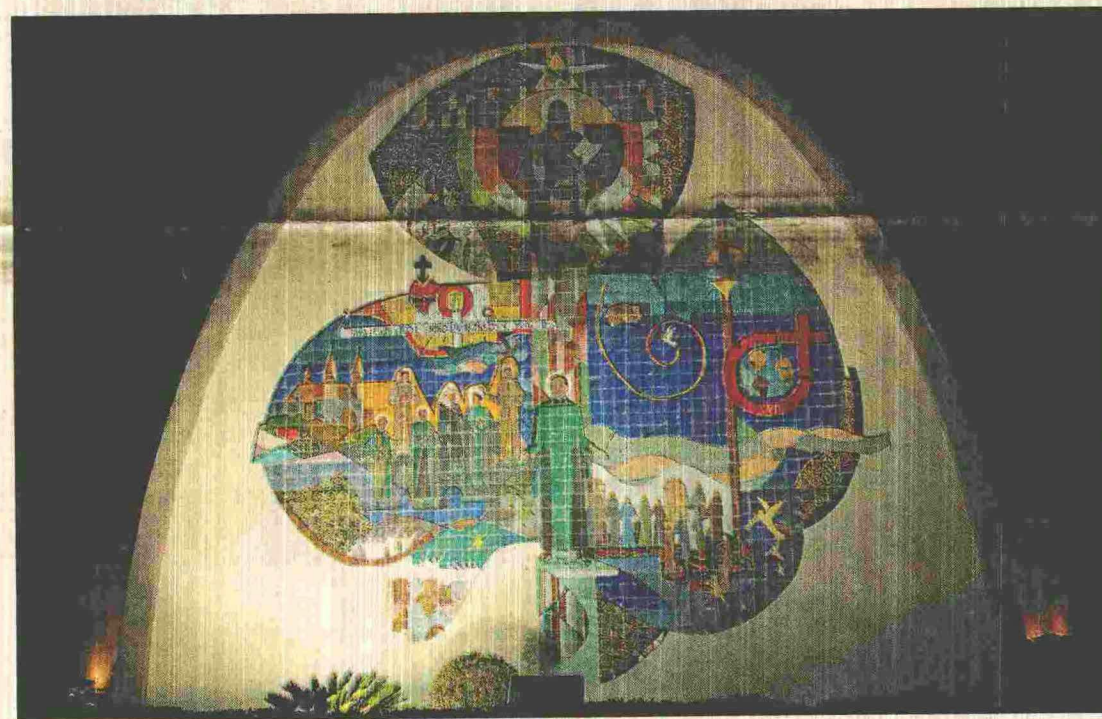
Não há nada de novo no estranhamento dos fiéis da Igrejinha. Quando Portinari fez os murais da igreja de São Francisco de Assis, na Pampulha, a reação foi tão feroz que a igreja de Niemeyer ficou 17 anos sem receber a consagração da Igreja Católica e, portanto, sem poder abrigar celebrações.

Essa história está esmiuçada na tese de doutorado da historiadora de arte Anna Paola Baptista (*O eterno ao moderno: arte sacra católica no Brasil, anos 1940/1950*, defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro). A Igreja não aceitava que a igreja, e a arte sacra dentro dela, tivessem sido realizadas por artistas "bolchevistas de pen-

Fotos: Zuleika De Sousa/CB/D.A Press



Ecletismo: a árvore de concreto representa Cristo (a "árvore da vida") na Igreja de N. Sra. do Carmo, na 912 Sul



Paróquia do Verbo Divino, na Asa Norte: conexão entre a arquitetura e a arte moderna é exposta na fachada

samento e comunistas de ação", no dizer do monsenhor Guilherme Schubert, citado nos estudos de Anna Paola. O historiador Augusto de Lima Júnior comparou o São Francisco de Portinari e as imagens que ilustram o arco da capela-mor, entre elas a de um

ção, a um "tumulto de coisas aberrantes" e "geradas sob a ação da talidomida".

O arcebispo de Belo Horizonte, dom Antônio dos Santos, declarou à época, que até estava se preparando para exercitar certo tipo de tolerância ao estilo moderno da arquitetura de Niemeyer, mas seria impossível aceitar uma construção cuja torre da cruz "parece perfurar o solo em busca das trevas", conforme escreveu a historiadora, hoje curadora do Museu da Chácara do Céu, no Rio de Janeiro.

» Quem decide

Mais consagrado artista brasileiro de obras sacras e religiosas em atividade, Claudio Pastro não sabia do fuzú provocado pelas obras de Galeno. Também não conhece os painéis. Por telefone, de São Paulo, Pastro primeiro quis saber a quem pertence a Igrejinha.

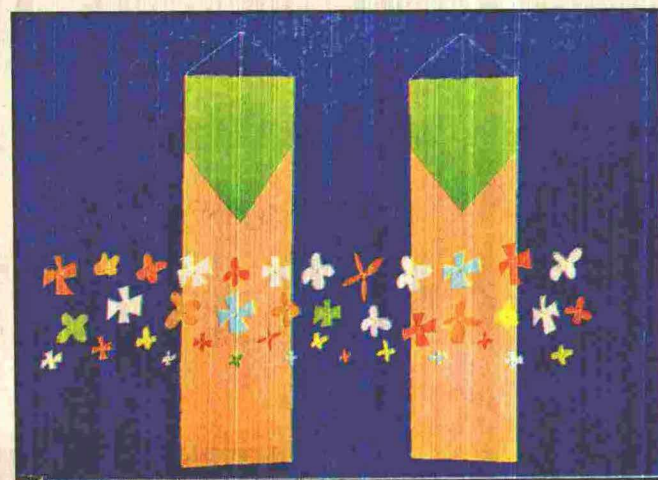
Informado de que era bem público e tombado, ele comentou: "Então há o que discutir. Quem decide é quem é o dono".

Pastro esclarece também que arte sacra e arte religiosa são artes diferentes. A primeira é a que representa Jesus Cristo, a essência do cristianismo. A segunda, os santos e a liturgia. A arte sacra deve, no entender dele, respeitar a iconografia da Igreja Católica ou de qualquer outra religião. "Jesus Cristo é Deus que se faz homem. Portanto, não posso ser abstrato".

Mas a arte religiosa, diz Pastro, permite inteira liberdade ao artista. "O santo não é a essência, é o acessório." Autor da arte sacra e religiosa do Santuário de Nossa Senhora Aparecida (São Paulo), que já tomou sete anos de trabalho, Claudio Pastro tem três obras em Brasília, uma delas na capela da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

» Por dentro da Igrejinha

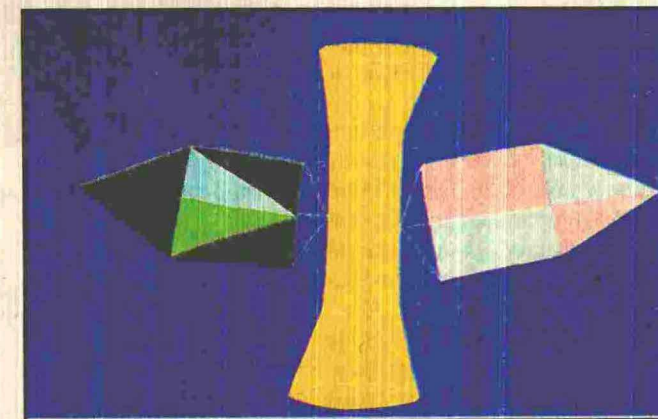
Saiba mais sobre as representações feitas por Galeno



Representam Lúcia e Jacinta, as duas pastorinhas. Vestem-se de cor de rosa e as flores enfeitam seus vestidos de menina. A pipa é o rosto das garotinhas.



É a representação mais importante de todo o trabalho do artista. Ela é o centro de tudo. Na Igrejinha, representa a conexão da fé com a arte.

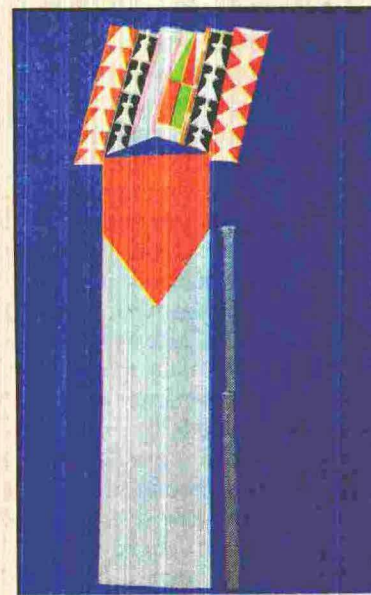


É um dos mais representativos objetos da Iconografia de Galeno. Simboliza a criatividade infantil, a capacidade de transformar objetos de utilidade dos adultos em brinquedos.

É Francisco. Veste roupa cinza, como cabia aos garotos.

Usa chapéu, símbolo também masculino. São coloridos porque representam os chapéus usados nas festas da infância de Galeno no Delta do Parnaíba, no Piauí.

O cajado é composto de dois carretéis. Foi colocado a pedido dos paroquianos.



**JOÃO BAPTISTA
COELHO AGUIAR**
Juiz Federal

Victoria Regina, filhos, netos, noras, genros e sua irmã, Eunice, comunicam o falecimento do querido JOÃO, ocorrido ontem, e convidam os amigos para o velório, a ser realizado **HOJE, dia 27, sábado, na Capela 06 do Campo da Esperança, das 08:30 às 12:00 horas.**